

TOPOLOGIA DA VIOLÊNCIA: UMA VISÃO PANORÂMICA

VIOLENCE TOPOLOGY: A PANORAMIC OVERVIEW

VIOLENCIA TOPOLÓGICA: UNA VISIÓN PANORÁMICA

ADILSON CRISTIANO HABOWSKI¹ 

ELAINE CONTE² 

Topologia da Violência, de Byung-Chul Han, apresenta problemáticas radicalmente potentes e difusas, oferecendo ao leitor uma visão panorâmica da violência em seus múltiplos impulsos, interpretações e curiosidades políticas, que produzem deslocamentos do olhar. A obra é dividida em duas partes. A primeira é intitulada “Macrofísica da violência” e a segunda, “Microfísica da violência”. Destaca-se a linguagem sincrética do autor, que provoca relações ambíguas em diversos encontros e correspondências com a realidade e os processos sócio-históricos e culturais da humanidade.

De acordo com o autor, da violência da *decapitação* (expressa pela sociedade pré-moderna da soberania) passamos para a violência da *deformação* (sociedade moderna caracterizada pela disciplina) e agora nos situamos na violência da *positividade*, a qual não possibilita diferenciar entre a liberdade e a coação, tendo no fenômeno da depressão a sua expressão patológica. Desse modo, a violência se transformou do visível para o invisível, de física para psíquica, do real para o virtual, de negativa para positiva. Trata-se, portanto, de “estágios da mudança topológica da violência, que é sempre mais internalizada, psicologizada e, assim, acaba se tornando invisível. Ela vai se livrando mais e mais da negatividade do outro ou do inimigo, tornando-se autorreferente” (HAN, 2017, p. 10-11).

O conceito de violência cria marcas ambíguas na história, por sua natureza psicossocial, de manipulação política, apresentando fortes tensões com a (des)educação, uma vez que aquele que violenta ou barbariza o outro acaba ferindo a si próprio ao produzir os efeitos da ignorância em ação. A aceleração da vida em processos de globalização desonera cada vez mais a abertura ao outro e coloca em suspensão suas negatividade e diferenciação, pelo excesso positivo da repressão externa, “que se expressa como superdesempenho, superprodução e supercomunicação, como um hiperchamar a atenção e hiperatividade” (HAN, 2017, p. 10).

Ao olharmos para as raízes históricas das formas violentas, perceberemos uma cultura em devir-simulacro que se experiencia como devoradora de vidas. Desde a mitologia grega, a violência é um método efetivo para os deuses alcançarem seus objetivos e vontades de afetos virulentos e perversos. O autor destaca que na “era pré-moderna a violência estava presente por todo lado e podia ser vista no universo cotidiano; era uma parte constitutiva essencial da práxis e da comunicação social” (HAN, 2017, p. 17), da qual o governante se utilizava para mostrar poder no exercício do domínio público. Por isso, tais práticas de violência mortal (encenações com a simbologia do sangue) carregam um significado político de popularização social do *teatro da crueldade* em praças públicas.

Resenha do Livro: Topologia da violência, de Byung-Chul Han

1.Universidade La Salle – Programa de Pós-graduação em Educação – Canoas (RS), Brasil. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

2.Universidade La Salle – Programa de Pós-graduação em Educação – Canoas (RS), Brasil. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Editor de Seção: Sandra Maria Zákia L Sousa

A contextualização e a historicidade da violência levam Han a observar uma mudança topológica dessa comunicação política e social, que sai dos palcos abertos e coletivos para uma espécie de *infecção oculta*, pautada em autoagressão coercitiva e rigorosa, disseminando-se como um vírus mortal. Hoje, o controle a que estamos submetidos acontece de forma intrapsíquica e é *naturalizado*, em todos os domínios vigentes, pela autoc coerção e pela vigilância por *desempenho*. A ideia do capitalismo de que tempo é dinheiro tem relação com a histeria por acumular para *sobreviver* a uma morte condicionada, cuja preocupação não está no *bem-viver*. Diante disso, surge o nervosismo de atuar sem referências em vista da falta ou do vazio *de ser*, que agora reprograma a *psiquê da violência* em traços (auto)destrutivos, autorreprimendas e auto-humilhações. É justamente por causa desse contexto culturalmente esquizofrênico da coerção capitalista que operam as violências que subjagam e oprimem os sujeitos, agora destituídos de negatividade.

Dessa interrogação sobre o sujeito que deseja liberdade e prazer no ofício empreendedor surge a figura do trabalhador produtivo e morto, perdendo gradativamente o sentido da experiência com o outro pela barbarização dos laços sociais. Quando realizamos experiências culturais no encontro com o outro, esses novos conhecimentos da realidade nos *alteram* em relação aos limites que nos separam de outros mundos. A liberdade sem qualquer *dimensão do outro* e a desregulamentação da sociedade do desempenho ilimitado derrubam as barreiras, as proibições e as possibilidades de interpretação em favor do excesso de positividade e da “*promiscuidade geral*, da qual não surge qualquer energia repressiva” (HAN, 2017, p. 68), levando ao empobrecimento do ego, ao mal-estar, à autoagressividade e à depressão.

Somam-se a essa problemática de autoflagelação do *imaginário* as novas mídias e técnicas de comunicação, que vão reduzindo o caráter de resistência do *ser no outro*, deletando as diferenças e as ideias contraditórias como se o ser humano não tivesse dissensos. “O mundo virtual é pobre em *alteridade* e em seu caráter de *resistência*. Nos espaços virtuais o ego pode se movimentar sem precisar lidar com o *princípio da realidade*, que seria o *princípio do outro e da resistência*” (HAN, 2017, p. 71), encontrando um terreno propício aos narcisismos digitais (autoconcorrência) desprovidos de *ligações intensas*. No embalo positivo da sociedade, sem restabelecer a relação com o *outro*, é reforçado ainda mais o fenômeno da violência por meio de hostilidades e do rechaço social a grupos que se abrem às diversidades interconectadas. No âmbito da *macrologia da violência*, estão as relações de tensão (constitutiva da *negatividade do outro*) entre *ego* e *alter*, entre amigo e inimigo, entre interior e exterior, por manifestações topológicas e patológicas da invasão da violência macrofísica introjetada. O autor justifica o hiato de violência que priva a possibilidade de articulação, (rel)ação e aniquila o sujeito ao poder, fazendo uso da liberdade como violência *destrutiva* que conduz, seduz e transforma minha vontade (em consumo recreativo) e a destrói. Han aponta que o uso da violência seria a tentativa desesperada de converter a própria impotência em poder, pois só é poderoso quem tem a capacidade de governar sem a violência. Na completa ausência de uma tensão negativa na vida em sociedade, perdemos o vigor existencial e nos reificamos na diferença consumista (uma *lógica do igual* que divide e opõe) como forma de reação virulenta diante da alteridade.

No âmbito da *microfísica da violência* está a situação geradora da *violência sistêmica* edificada no sistema social, fazendo com que persistam as injustiças que levam à *autoexploração* e às relações de poder desiguais. Todos os membros da sociedade são atingidos pela ditadura do desempenho e da otimização (oposta ao poder da união), o que torna a violência positiva mais danosa à humanidade do que a negativa. Ao desenvolver embates com Foucault para aprofundar sua investigação da sociedade na reviravolta do disciplinar para o desempenho, Han defende que “o imperativo do desempenho converte a liberdade em coação; em lugar da exploração estranha entra a autoexploração, sendo que o sujeito de desempenho explora a si mesmo até se ruir. Aqui, a violência e a liberdade coincidem” (2017, p. 182).

A *violência da transparência* anuncia o discurso social da *transparência do igual*, da autotransparência humana (de comunicação maquinal, funcional, no nivelamento do outro em *reação em cadeia do igual*), sem

sentido hermenêutico ou inquietação de mundo, utopia e negatividade. A linguagem transparente elimina ambivalências e torna tudo vago, isolado, opaco, viral, e a política desanda em *teatrocracia*. Aliás, o *valor da superexposição* em faces mercadológicas faz desaparecerem os *valores cultural* e existencial da sociedade da hipervisibilidade, visto que a comunicação não cria elos entre nós, mas se torna competitiva e produtiva. Diante do destrutivo excesso de informação em todos os âmbitos da vida, aniquila-se a vitalidade em nome de hiperatividades vazias de desempenho com impulsos de violência.

Na visão de Han, o *meio é a era da massa* e traz para a linguagem a ambiguidade de ser um meio de comunicação (supercomunicação em práticas de *entropia*) tanto simbólico quanto diabólico. Assim, “a nova violência da linguagem não é negativa, mas positiva. Ela não se volta *contra o outro*, mas ao contrário, parte de uma massa do *igual*, de uma massificação do *positivo*” (HAN, 2017, p. 215). A linguagem sem qualquer ocultação do excesso *sem distância* atua *massivamente*, sendo submetida a uma *coerção expositiva* e despida do mistério interpretativo (converte-se em *indiferença*), do estar *em relação* com o outro, aprofundando autorreferências da vida sem valor (descartável e supérflua) e da *falta de ser*.

A *violência global* repercute em modificações perceptivas, cognitivas e comportamentais entre o *império* do controle e dos conflitos. Por isso, é necessário escovar a história da globalização capitalista a contrapelo, expondo a necessidade de se pensar em uma nova política e ontológica do humano de visão descentralizada, desterritorializada e de produção de *multitudes*. A lógica da globalização possui a contraface de extermínio e aniquilação daqueles que não a aceitam. Na verdade, só um forte sentimento de pertencimento pode gerar o impulso para o agir conjunto na política da violência sociotécnica saturada de controvérsias e perpetrada pela *necropolítica* da globalização como processo de desaparecimento/desintegração da negatividade dos sujeitos. Na era das necessidades urgentes do mercado e da vulgarização das formas de sociabilidade, de justiça social e de abertura aos outros, indicamos a leitura da obra para pensar os paradoxos da globalização em uma análise crítica dos fenômenos de violência em suas implicações políticas, socioeducacionais, psicossociais e de desempenho (prisão ao *modus operandi* da globalização na gestão da barbárie, exclusão e autoritarismo).

Referências

HAN, B.-C. **Topologia da violência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. 269 p.

Sobre os Autores

ADILSON CRISTIANO HABOWSKI é doutorando em Educação pela Universidade La Salle.

ELAINE CONTE é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle.

Recebido: 22 jan. 2021

Aprovado: 28 abr. 2021